

Estreias Em cartaz Vem aí Digital & Cia Arquivo Curiosidades Números Notícias Entrevistas Especiais Festivais Enquetes Blogs Perfis Galerias de fotos

Buscar

landibles III Title

Quem somos Contato RSS Mídia Kit Home > Em cartaz > Dentro da minha pele

Dentro da minha pele



Trailer

Ficha técnica

Nome: Dentro da minha pele

Nome Original: Dentro da minha pele

Cor filmagem: Colorida

Origem: Brasil

Ano de produção: 2020 Gênero: Documentário Duração: 84 min

Classificação: 12 anos

Direção: Toni Venturi, Val Gomes

Elenco:

Avaliação do leitor



Vote aqui



País

Brasil

Sinopse

Pessoas comuns, de diversas profissões, intelectuais e artistas contam suas próprias experiências com o racismo, além de fornecer diagnósticos sobre ocmo a nação com maior população afrodescendente do mundo fora da África pode, finalmente, superar sua herança escravagista e a persistência do racismo.

Nota Cineweb



Crítica Cineweb

18/08/2020

Racismo. Ao mesmo tempo, a questão mais visível e invisível do país. Aquela que, quanto mais salta aos olhos, menos se fala. Mas que parece, finalmente, ter se tornado inadiável.

O documentário **Dentro da Minha Pele**, de Toni Venturi, com codireção de Val Gomes, procura traçar, através dos depoimentos de 9 personagens, algumas das dores, contradições, dilemas, afirmações e vitórias da população afrodescente do Brasil, o país com a maior composição étnica desta origem fora da África, o último a abolir a escravidão.

Médico, Estefânio Neto lembra as inúmeras vezes em que foi confundido com um assaltante. Doméstica, Neide de Souza recorda em lágrimas um primeiro emprego, em São Paulo, em que dormia no chão, comia restos de comida e era obrigada a usar papel higiênico de segunda mão. Estudantes universitários na FGV, admitidos por meio da política de cotas, Wellison Freire e Jennifer Andrade estão na linha de frente de um longo processo de conquista de espaços historicamente negados em ambientes preparados para rejeitá-los como intrusos.

Em alguns momentos, a câmera se volta para a equipe do filme, majoritariamente negra, mas liderada por um cineasta branco, como ele mesmo observa em off, descendente de italianos, parte daquela onda imigratória que começa no final do século 19, na sequência da tardia Abolição de 1888, justamente com o intuito de "branquear" a população brasileira. Vem da funcionária pública Neon Cunha, negra e trans, a provocação mais direta ao diretor, para que "ceda espaço" à codiretora, de ascendência negra e indígena. Enquanto não houver esta cessão por parte dos brancos, de seu lugar de privilégio e poder, " a história não muda", adverte Neon.

Seis pensadores negros, como o historiador Salloma Salomão, a filósofa Sueli Carneiro, a dramaturga e escritora Cidinha Silva e o diretor teatral José Fernando de Azevedo, contribuem como lúcidos comentários para uma reflexão que certamente não pretende ser definitiva, mas abridora de caminhos para uma percepção maior do fosso que separa negros e brancos na sociedade brasileira - atormentada ainda por um altíssimo índice de mortes de jovens negros nas mãos da polícia, como Renatinho, morto em 2015 no Itaim Paulista. Mais um, entre tantos, que preenchia o estereótipo do "tipo penal", como define o tenente-coronel Adilson Paes, aposentado da PM: preto, pobre, morador da periferia. A definição, não-escrita, muito menos admitida, dos alvos preferenciais de um genocídio ativo.

Materializando a grandeza da ancestralidade afro ("foi ela que nos trouxe até aqui", pontua Cidinha Silva), números musicais intercalam as falas, começando por Chico César, passando por Luedji Luna e Valéria Barcellos e culminando por Thaíde, que fecha os créditos ao som da sugestiva "Vai Mudar". Mas muito esforço ainda esta nação terá que fazer para superar os pilares do racismo, apontados por Cidinha, que sustentam o atual estado de coisas: o mito da democracia racial; a ideologia do branqueamento e a naturalização da discriminação com piadas e brincadeiras francamente racistas. Termina-se com a fala de Salloma Salomão sobre a saída deste impasse. Mudar culturas é possível, salienta ele, mas o desafio é a luta pelo poder - um poder que, até aqui, sempre esteve nas mãos dos brancos.

Neusa Barbosa

Trailer

Deixe seu comentário:
Nome:
E-mail:
Comentário:
Imagem de Segurança:
inagem de Segurança.
Envie seu comentário

Filmes mais vistos



1 Bloodshot

- 2 Dois irmãos Uma jornada fantástica
- 3 Sonic O filme
- 4 O homem invisível
- 5 A maldição do espelho
- 6 Terremoto
- 7 Maria e João O conto das bruxas
- 8 Dolittle
- 9 Solteira quase surtando
- 10 O oficial e o espião

Fonte: Filme B

BLOGS



Celulóide Digital Retrospectiva homenageia Fellini em seu centenário



Letras e fotogramas "Léxico Familiar", de Natalia Ginzburg, um romance sobre o fascismo



A Viagem Imóvel O olhar de Carlão em "Paraíso perdido"

- Quem somos
- Contato
- RSS

BLOG DO CINFMA

<u>VEJA MAIS + (HTTPS://IMS.COM.BR/BLOG-DO-CINEMA/)</u>

O racismo de cada dia

20 DE AGOSTO DE 2020 | JOSÉ GERALDO COUTO



A história do Brasil é, em grande parte, a história da violência contra os negros e indígenas. A escravidão é o evento que nos constitui e que reverbera até hoje, sob as mais diversas formas. Como um homem branco de classe média, consciente de sua condição privilegiada, pode contribuir para compreender e enfrentar a questão? Esse dilema foi certamente o que motivou Toni Venturi a realizar o documentário *Dentro da minha pele* (https://vimeo.com/449444988), que entra em cartaz no Globoplay no próximo domingo (23).

Explicitando desde início o seu "lugar de fala" – neto de italianos que aproveitaram as oportunidades abertas a imigrantes europeus após a proclamação da República –, o cineasta buscou um exercício de alteridade, não isento de contradições. Chamou como codiretora uma socióloga negra, Val Gomes, e abriu microfone e câmera às narrativas de vida e às reflexões de uma dezena de pessoas negras das mais diversas atividades e classes sociais.

O resultado é um painel pungente e perturbador, que coloca em xeque-mate a noção de democracia racial e a ideologia do branqueamento. A ideia de um "povo misturado, onde ninguém sabe bem quem é branco e quem é preto", é desmontada sumariamente pela psicóloga Cida Bento: "Se você não sabe quem é negro e quem é branco, pergunte para a polícia. Ela sabe".

Naturalização do privilégio

De fato, uma constante nos vários relatos – do garçom à filósofa, da doméstica ao artista, do médico ao estudante de economia – são as histórias de abordagens policiais truculentas, motivadas unicamente pela cor da pele. "Isso é algo que eu nunca vivenciei nem vou vivenciar", admite Venturi, quase envergonhado. Seu lugar de fala é um lugar em crise – e essa crise é um dos pontos de interesse do seu filme.

Há outros dois momentos em que o diretor fica visivelmente desconcertado. Um é quando a ativista trans Neon Cunha indaga por que não é a codiretora negra Val Gomes que comanda o projeto. O outro é no final, quando o historiador Salloma Salomão diz que nenhuma ação do movimento negro foi feita em nome de uma vingança, e acrescenta: "Talvez fosse até interessante fazer. Matar meia-dúzia de brancos, cruelmente, com argumento racista, talvez tornasse esta sociedade mais sensível para a questão do racismo antinegro, mas nós ainda não nos capitalizamos em termos de perversidade para operar nesse campo".

A "naturalização do privilégio", em que as famílias brancas passam imperceptivelmente, de geração a geração, sua p(ettorição acorda) prograda passam imperceptivelmento prograda passam imperceptivelmento prograda passam imperceptivelmente prograda passam imperceptivelmente, de geração a geração, sua plata passamente prograda passamente progra

O mais terrível é quando essa naturalização atinge os próprios negros. A professora de ensino fundamental Daniele dos Santos Reis, uma negra de pele clara, casada com um garçom bem mais escuro, conta uma história reveladora. "Minha avó, que era da mesma cor que o Cleber, perguntou: 'Você vai namorar com esse preto aí? Por que não arrumou um homem branco? Não viu que eu casei com seu avô, que é branco? É assim que a família embranquece'."



Cida Bento, psicóloga: "Se você não sabe quem é negro e quem é branco, pergunte para a polícia. Ela sabe".

Força de transformação

A partir do momento em que o negro toma consciência de sua identidade racial, porém, esse saber se converte numa energia transformadora irrefreável, conforme mostram todas as histórias narradas no filme. "Esse projeto [de naturalização do poder branco] só não funciona 100% por uma única razão: nossa extraordinária e impensável resistência", diz a filósofa Sueli Carneiro.

Por mais brutais que sejam os relatos, o que sobressai no conjunto é uma nítida assertividade, não só nos discursos, mas também na prática cotidiana. É curioso perceber, por exemplo, que quase todos os entrevistados exercem, além do seu ganha-pão, alguma atividade criativa ou política. O médico toca violino, a modelo cria colagens visuais, o garçom compõe música e toca violão, a funcionária pública é ativista da causa trans, o historiador é também músico, etc.

Os depoimentos, sempre ilustrados por cenas do cotidiano dos entrevistados, são entremeados por letreiros informativos sobre a história das leis raciais e os números da letalidade policial no país, além de um ou outro material de arquivo (como o do lançamento do Movimento Negro Unificado, em frente ao Teatro Municipal de São Paulo, em 1978), e por números musicais que vão da roda de batuque ao slam.

Apenas três brancos, além do diretor, falam brevemente no filme: o sociólogo Jessé de Souza, para quem "somos filhos da escravidão, o resto é bobagem"; a pesquisadora universitária Lia Schucman, estudiosa do assunto; e o tenente-coronel aposentado da PM Adilson Paes, que denuncia a existência não-oficial, na polícia, de um "tipo penal, o '3 P': preto, pobre e morador da periferia".

O diretor teatral José Fernando de Azevedo comenta a certa altura que o momento ultraconservador que vivemos hoje no país é uma reação violenta do poder branco a um processo de mobilidade social e racial. A filósofa Sueli Carneiro cita o ataque às cotas como "o primeiro momento em que a branquitude se organiza para combater algo enquanto grupo de interesse". Segundo ela, o que aconteceu no debate das cotas foi "um verdadeiro pelourinho eletrônico". Ficamos sabendo que, graças às cotas, a proporção de jovens negros na universidade passou nas últimas décadas de 3% para 10 ou 12%.

Apesar dos retrocessos momentâneos, o documentário indica que essa é uma marcha sem volta. "Algo vai mudar", canta Thaíde na música dos créditos finais desse documentário essencial. Podemos ter certeza disso.

Por falar em resistência, o cinema brasileiro – um dos mais fortes e plurais do mundo – resiste bravamente às telestrales de la comparta del comparta de la comparta del comparta de la comparta del comparta del comparta de la comparta del comparta del comparta de la comparta de la comparta del comparta d

Para quem quiser conferir o que o nosso cinema produziu de melhor na última temporada, começou ontem (19/8) e vai até 20 de setembro o <u>46º Festival Sesc Melhores Filmes (https://melhoresfilmes.sescsp.org.br/programacao-46o-festival-sesc-melhores-filmes/)</u>, pela primeira vez on line, por causa da pandemia.

Na programação, além do polonês *Guerra fria*, do sueco *Border* e do dinamarquês *Rainha de copas*, será possível ver ou rever, de graça, produções nacionais marcantes como *Bacurau* (https://ims.com.br/blog-do-cinema/bacurau-por-jose-geraldo-couto/), *No coração do mundo* (https://ims.com.br/blog-do-cinema/no-coracao-do-mundo-por-jose-geraldo-couto/), *Los silencios* (https://ims.com.br/blog-do-cinema/a-terceira-margem/), *Divino amor* (https://ims.com.br/blog-do-cinema/divino-amor-por-jose-geraldo-couto/), *Elegia de um crime* (https://ims.com.br/blog-do-cinema/a-violencia-que-nos-constitui/) e *Torre das donzelas* (https://blogdoims.com.br/o-cinema-no-olho-do-furacao/), sobre os quais escrevi aqui quando foram lançados no circuito ou exibidos em festivais.

Acervo da SPcine

Para quem valoriza o patrimônio cinematográfico brasileiro, nunca é demais lembrar que <u>o canal digital da SPcine</u> (<u>https://www.spcineplay.com.br/</u>) põe à disposição gratuitamente um rico acervo de títulos nacionais antigos e recentes.

Lá se encontra, por exemplo, boa parte das filmografias de diretores como Rogério Sganzerla, Hector Babenco e José Mojica Marins, além de seções dedicadas ao cinema negro, a cineastas mulheres, a produções musicais, a filmes infantis etc. E há também obras estrangeiras, em especial as exibidas na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. Vale a pena passar por lá de vez em quando. Atualmente a plataforma está exibindo os curtas e longas da importante Mostra Ecofalante de Cinema, em sua nona edição.

Pensando bem, não é tanto o cinema brasileiro que precisa de nós. Nós é que precisamos do cinema brasileiro.

(https://ims.com.br/blog-do-cinema/cinema-do-absurdo-por-jose-geraldo-couto/)

SOBRE OS ACERVOS

MAIS IMS

TODOS OS SITES (/MAIS-IMS)



<u>FALE CONOSCO</u> (HTTPS://IMS.COM.BR/FALE-CONOSCO/)

ATENDIMENTO A PESQUISADORES (HTTPS://IMS.COM.BR/ATENDIMENTO-A-PESQUISADORES/)

RECEBA NOSSAS NOVIDADES POR EMAIL (HTTPS://IMS.COM.BR/NEWS_ZTER/)



TRABALHE CONOSCO (HTTPS://IMS.COM.BR/TRABALHE-CONOSCO/)



InstitutoMoreiraSalles



ENDEREÇOS

Rio de Janeiro

Rua Marquês de São Vicente, 476, Gávea CEP 22451-040 - Rio de Janeiro/RJ Tel.: (21) 3284-7400 Horário de visitação: de terça a domingo e feriados (exceto segunda), das 11h às 20h

<u>MAIS INFORMAÇÕES</u> (HTTPS://IMS.COM.BR/UNIDADE/RIO-DE-JANEIRO/)

São Paulo

Avenida Paulista, 2424 CEP 01310-300 - São Paulo/SP Tel.: (11) 2842-9120 Horário de visitação: de terça a domingo e feriados, das 10h às 20h; quintas, das 10h às 22h

> MAIS INFORMAÇÕES (HTTPS://IMS.COM.BR/UNIDADE/SAO-PAULO/)

Poços de Caldas

Rua Teresópolis, 90 CEP 37701-058 - Poços de Caldas/MG Tel.: (35) 3722-2776 Horário de visitação: de terça a domingo e feriados (exceto segunda), das 13h às 19h

MAIS INFORMAÇÕES (HTTPS://IMS.COM.BR/UNIDADE/POCOS-DE-CALDAS/)



NOTÍCIAS

COLUNA

CAMILO VANNUCHI



Detalhe do cartaz do filme 'Dentro da minha pele' (2020), de Toni Venturi e Val Gomes Imagem: Divulgação



A pergunta reproduzida no título é feita pelo cineasta Toni Venturi nos minutos iniciais do filme *Dentro da minha pele*, que estreia no domingo (23/8) na Globoplay. <u>Assista ao trailer</u>.

Diretor de *Cabra-cega* (2004), *Estamos juntos* (2011) e do documentário *O Velho* (1997), sobre o líder comunista Luiz Carlos Prestes, Toni Venturi é um



homem branco, descendente de imigrantes italianos, privilegiado - e indignado. Seu desconforto diante do racismo estrutural não foi somente a gênese do novo documentário e um pilar na montagem da equipe de produção. Ele fica evidente ao longo da narrativa. E contribui para sensibilizar espectadores brancos, descendentes de imigrantes italianos, privilegiados - e indignados. Como eu.

"A miscigenação é, em primeiro lugar, produto do estupro colonial que foi praticado pelo colonizador", alerta a filósofa Sueli Carneiro no filme.

Venturi divide a direção com Val Gomes, cientista social e documentarista envolvida com temas tão urgentes quanto violência doméstica, igualdade de gênero e violência de Estado. Val é uma mulher negra. E indígena. Começou a trabalhar no filme como pesquisadora, mesma atividade desempenhada na série Cena inquieta, dirigida por Venturi e exibida às quintas-feiras na TV Sesc. Val deu tanto pitaco, provocou tantas reflexões no diretor, que acabou virando codiretora. Sorte nossa.

O filme é bom. E necessário. Chega em ótima hora, embora todas as horas sejam boas para colocar o conforto da branquitude em perspectiva. Uma berlinda oportuna.

Vidas negras importam, mas não tanto. Marielle vive, mas não tanto. As balas da polícia militar - e os joelhos dos agentes - continuam selecionando seus alvos com precisão cirúrgica. Ou estética.

"Se você não sabe quem é negro e quem é branco, pergunta pra polícia. Ela sabe", afirma a psicóloga Cida Bento no filme.

"O policial me parou e começou a revista.

- -- O que você faz da vida?
- -- Eu sou médico.
- -- Fala a verdade, rapaz!

Esse 'fala a verdade, rapaz' é muito impactante", diz o médico Estefânio Neto no filme.

Também a <u>mortalidade por Covid-19 é maior entre negros</u>. Grupo de risco, no Brasil, é ser preto, morar em favelas ou cortiços onde isolamento social é utopia, correr risco de despejo e depender do trabalho presencial, braçal, muitas vezes insalubre e extenuante. Apertar-se no transporte público enquanto um

influenciador digital branco reclama do isolamento meia-boca e outro vai à praia com os "tuta", os "parça".

"É um ambiente branco, é um ambiente rico, a gente não está acostumado; a gente pode, mas não pode", diz Jennifer Andrade, estudante da Fundação Getúlio Vargas, no filme.

Como um branco faz um filme antirracista? Toni Venturi foi lá e fez, sem esconder seu lugar de fala nem disfarçar certo constrangimento. Ao contrário, sua condição branca e privilegiada é exposta repetidas vezes no filme. Ele está ali, no set, para ouvir.

"E nem venha me dizer que isso é vitimismo, não bota a culpa em mim para encobrir o seu racismo", canta Bia Ferreira.

A certa altura do documentário, a funcionária pública e ativista trans Neon Cunha, nunca promovida no emprego apesar da melhor qualificação profissional, interpela o diretor do filme. Ela discorre sobre a diferença entre direito e privilégio e diz que a "cessão de privilégio é urgente".

- "— Por que não tem uma diretora preta no seu lugar e você não está orientando essa diretora preta?
- Eu convidei essas pessoas e tenho quase uma diretora preta aqui Venturi responde, referindo-se à codiretora Val Gomes.
- Mas não é a diretora. Você me pediu um exemplo. Por que eu não cedo o espaço e quem assina, enquanto diretora, não é uma mulher negra? Isso não é para ser resolvido agora. É uma questão de futuro. 'Existe essa mulher negra e eu vou abrir espaço para ela ser diretora'. A verdade é que vocês não cedem espaço."

Como um branco faz uma coluna, um post, um livro antirracista?

Sou um homem branco. Hétero, cis, bisneto de italianos por todos os lados, nascido no Sudeste, pós-graduado e, sobretudo, branco. Mais do que branco: branquelo. Quase loiro. Privilegiado. Estudei em colégio particular, sempre morei na região central, a geladeira sempre repleta de supérfluos. Vinte minutos no ônibus e já estava na escola. Tive acesso aos discos, aos livros e aos filmes que busquei.



Cresci entre brancos. Estudei num colégio tradicional, de elite, com as paredes sempre pintadas e os jardins impecáveis. Cento e sessenta alunos por ano no ginásio. Duzentos e quarenta alunos por ano no colegial. Nenhum negro, nenhuma negra. Talvez um ou dois, pode ser, de tal forma mimetizados para evitar a violência dos brancos que, em perspectiva, torna ainda mais agressiva e evidente a cultura de segregação.

Entrei na faculdade em 1997. Jornalismo na USP. Vinte alunos na turma da noite, vinte e cinco na turma da manhã. Nenhum negro, nenhuma negra. Não havia cotas.

Não havia cotas nos anos 1980, quando fui criança. O que havia era Mussum, Tião Macalé e Vera Verão. A TV nos ensinava a gargalhar quando um personagem era chamado de crioulo ou macaco.

Não havia cota nos anos 1990, quando fui adolescente. Ouvíamos Gil, Milton, Djavan, Itamar, Chico César, vibrávamos com Cafu e Ronaldo, mas as capas de revista eram propriedade de brancos. Xuxa era branca. Juba e Lula eram brancos. Barrados no baile eram brancos. Os livros mais vendidos eram escritos por brancos. Machado de Assis também era branco. Lima Barreto, Stuart Hall, tudo branco.

Há algo de muito errado numa sociedade que naturaliza esses apagamentos.

Há algo de muito equivocado em quem não concebe a dívida histórica.

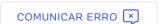
Há algo de perverso em quem é conivente com o racismo recreativo, com o branqueamento, com a violência de Estado.

Há algo de insuportável em quem chama de identitária uma luta que é tão ampla e urgente.

As vítimas do racismo não são somente as vítimas do racismo. Um país inteiro é vitimado por ele, todos os dias.

Como é viver dentro da tua pele?

** Este texto não reflete, necessariamente, a opinião do UOL.





NOTÍCIAS

Futebol Bandido

Caso Daniel: como uma festa de aniversário levou ao assassinato brutal do jogador

ESCUTE AGORA

AS MAIS LIDAS AGORA



Haddad cita depósitos de F. Bolsonaro e mortes da covid-19: Não chocam mais



'Olaf está diferente': Bonecos de neve toscos no Sul viram memes



Suspeito de roubo, jovem negro é preso no RJ com base em foto antiga

Conteúdo De Marca

Apresentadora lança linhas da Seara no intervalo do "Jornal Nacional" e no "Encontro"

Camilo Vannuchi Notícias

Seja o primeiro a comentar



Escreva seu comentário*

O autor da mensagem, e não o UOL, é o responsável pelo comentário. Leia os termos de uso

Camilo Vannuchi

Muita calma no fim do confinamento

14/08/2020 20h14

D. Pedro Casaldáliga: ?Todo opressor é obsessivo?

A extrema-direita vai gostar do novo filme sobre Caetano

31/07/2020 15h08



HOME

ANUNCIE

CONTATO

SOBRE A REVISTA

ONDE ENCONTRAR

ENVEL OPAMENTO











EMOÇÃO, BASEADA NA SEMIÓTICA DAS PAIXÕES

TRANSFORME SEUS PROJETOS COM A TEORIA DA

Notícias

Colunas

TV Revista de Cinema

Espaço do Realizador

Quem Somos

TONI VENTURI LANCA O LONGA "DENTRO DA MINHA

Notícias | Produção TV | Slideshow | Últimas Notícias | — 22 agosto 2020



Toni Venturi. Val Gomes e equipe do filme

Por Maria do Rosário Caetano

O cineasta Toni Venturi lanca, neste domingo. 23 de agosto, "Dentro da minha Pele", seu mais novo longa-metragem. Trata-se de poderosa reflexão sobre o racismo brasileiro, construída com depoimentos substantivos. recursos metalinguísticos, grafismos plásticos e algum material de arquivo. Enfim, um mergulho no que a filósofa Sueli Carneiro chama de "mancha negra", questão desafiadora e crucial na história brasileira.

O filme, o nono do diretor paulistano e o

primeiro de sua codiretora, Val Gomes, terá pré-estreia no Cine Drive-in Go Dream, no Pacaembu, às 17h30, e será disponibilizado on demand pela Globoplay. Quem não for à pré-estreja, poderá alugar o filme, que permanecerá por longo período no streaming.

"Dentro da minha Pele" nasceu como projeto pessoal de Toni Venturi, 64 anos, paulistano de origem italiana, autor, até então de quatro longas documentais (um deles sobre Luiz Carlos Prestes, outro sobre Rita Cadillac), de quatro ficções (destaque para "Latitude Zero" e "Cabra Cega") e de séries para TV (como "Cena Inquieta", em cartaz no SescTV). Ao realizar seu nono longa-metragem, um documentário sobre o racismo, Toni fez questão de montar equipe em que profissionais de pele preta fossem maioria (44 negros e cinco brancos). E compreendeu a importância de ter como parceira, na direção, a socióloga afro-brasileira Val Gomes.

O cineasta, que estudou Cinema no Canadá, colocou-se como alvo voluntário de seus entrevistados. Por isso, ao longo da narrativa, de densos 85 minutos, alguns dos "entrevistados" o colocarão na parede.

Sueli Carneiro dirá a Venturi que ele é um dos brancos de origem europeia que ajudam a perpetuar o racismo estrutural, por não guererem ceder o poder de mando, acumulado ao longos de guase cinco séculos

Neon Cunha, funcionária pública transexual, usa seu discurso muito articulado para esboçar o quadro da discriminação dos afro-brasileiros no trabalho e provocar o documentarista: por que é você, que é branco, quem comanda o projeto e não sua codiretora, que é negra?

O depoimento mais ousado (e desconcertante) do filme vem do historiador e artista Salloma Salomão, de corpo esquio e gestos calmos. Olhando nos olhos de Toni Venturi (e dos espectadores), ele provoca; e se "matássemos meia-dúzia de brancos, cruelmente, com argumento racista? Talvez (conseguíssemos) tornar essa sociedade mais sensível à questão do racismo antinegro". Para encerrar sua provocação: "nós ainda não nos capitalizamos em termos de perversidade para operar nesse campo"

A psicóloga Cida Bento, colunista da Folha de S. Paulo, usa de ferina ironia ao referir-se à teoria apaziguadora da miscigenação, aquela que garante não haver racismo no Brasil. Aqui, diz-se, não se sabe quem é negro, quem é branco. "Pergunte à Polícia", propõe, incisiva, e "você vai saber".

Toni e Val Gomes "entrevistaram" dezenas de pessoas. Quatro são brancas. Uma professora da Universidade Federal de Santa Catarina, Lia Vainer Schucman, o sociólogo Jessé Souza, autor de "A Ralé Brasileira – Quem é e Como Vive", o tenente-coronel aposentado Adilson Paes, estudioso progressista das causas da violência policial, e Márcia Gazza, mãe de filho adotivo, negro, assassinado por policiais. O jovem, Renatinho, foi espancado, torturado e levado a hospital no Itaim Paulista. Quando os pais souberam, ele já estava morto.

A maioria absoluta dos "entrevistados" é de pele preta. Rappers, slammers, modelos, artistas plásticos, arquiteta, médico (arrebatador o testemunho do Dr. Estefânio Neto, sergipano radicado em São Paulo), garçom, estudantes da Fundação Getúlio Vargas (dois jovens pobres que frequentam essa conceituada escola da elite paulistana), funcionários públicos, domésticas.

Toni e Val fugiram com muita habilidade do modelo "cabecas falantes", aquelas que dão depoimentos superficiais, de formato televisivo. Daí, não ser adequado dizer que diretor e codiretora "entrevistam" os participantes do filme. Na verdade, estabelecem conversas, que na maioria dos casos, rendem muito.

Não se pode esquecer o poderoso depoimento de Neide de Sousa. Baiana, de família grande (dez irmãos), ela veio para São Paulo na adolescência. Aos 15 anos, tornou-se doméstica de patroa que nunca perdia a chance de reafirmar a "inferioridade" da empregada. Ganhou uma coberta, peça única, que deveria servir de lençol e cobertor, comia o que sobrasse da mesa dos patrões, dispunha de papel higiênico usado para o número 1 (o xixi), estendido em varalzinho para reaproveitamento. Ela começou a emagrecer e a irmã, que a acolhera em São Paulo, perguntava o que estava acontecendo. Quatro anos depois, Neide não aguentou. Deixou aquele emprego e conseguiu outro. Ainda hoje exerce o ofício e conta sua história com lágrimas no olhos, mas sem nenhum sentimentalismo ou chantagem.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Lançados os novos editais do ProAC Expresso

O Governo de São Paulo anunciou, nesta guartafeira (26/08), o lançamento de um novo pacote cultural

Abertas as inscrições para o Rally Universitário Floripa 2020 do FAM

A 4ª edição do Rally Universitário Floripa, que acontece de 25 a 30 de setembro, em...

Expocine tem inscrições abertas

A Expocine 2020, que este ano acontecerá virtualmente em 15 e 16 de outubro, já tem...

Nordestel AB abre inscrições para edição 2020 O NordesteLAB, plataforma de articulação e fomento que conecta agentes e promove atividades para profissionais, estudantes...

"Mudar de Vida" reafirma o talento de Geraldo

Filme com o ator foi recentemente recomendado pelo "The New York Times" ..

Mais notícias





Outro depoimento impressionante é o de Daniele dos Santos Reis, pele morena, que casou-se com rapaz de pele preta. Divorciaram-se, mas o amor falou mais alto e casaram-se de novo. Quando Daniele, que é professora, inicia seu testemunho, ela está grávida e feliz ao lado do marido. Irá conclui-lo com o filho nos bracos. Ela lembra que a avó, que se casara com um homem branco, censurou a neta por ter escolhido parceiro preto. O ideal seria

Além dos depoimentos, fortes e reveladores. Toni e Val lancam mão de contrastantes registros da metrópole paulistana (imagens contrastantes de bairros ricos e grandes periferias urbanas) e de informações impressas na tela, que servem para contextualizar historicamente a exploração e a resistência dos negros. O Brasil, não podemos esquecer, continua sendo um país cuja hegemonia branca nunca foi posta em risco. Saberemos, assim, que 1837, lei proibia negros de estudarem em escolas de brancos. Que, em 1890, começou a vigir a "Lei da Vadiagem". Com a abolição e importação de mãos-de-obra branca, de origem europeia, os negros (sem nenhum tipo de reparação) começaram a vagar pelas ruas. Ou seja, a praticar a "vadiagem", que os qualificaria ao cárcere.

Em 1978, nasceu o MNU (Movimento Negro Unificado). Imagens da solenidade inaugural constituem um dos poucos instantes em que "Dentro da minha Pele" recorre a material de arquivo. A Lei de Cotas, de 2012, constituirá um dos raros momentos em que os brancos se sentiram ameacados. Afinal, jovens pretos poderiam tirar vagas de seus filhos nas melhores universidades do país. Houve grito, protestos e até um partido político (o DEM), que recorreu ao STF para derrubar a conquista. Foi derrotado. Os afro-brasileiros, que ocupavam 3% das vagas no ensino superior, hoje se aproximam dos 12%. Mas o desafio da inclusão ainda é desesperador.

Muitos dos participantes do filme dedicam-se à criação artística, seja como profissão ou segundo ofício. Por isso, além do trabalho costumeiro, aparecem mostrando seus dons, seia ao violão, num rap ou num samba. Dois, em especial, nos encantam com seus dons musicais. O paraibano Chico César abre o filme com a poderosa "Respeitem meus Cabelos, Branco". Thaíde o encerra, com cor, alegria e sonoridade emancipadora

Dentro da minha Pele

Brasil, 86 minutos, 2020 Longa documental

Direção: Toni Venturi e Val Gomes

Roteiro: Toni Venturi, Val Gomes e Marcus Aurelius Pimenta

Grafismos: Bruno Bayeux Produção: Olhar Imaginário Distribuição: O2 Play

Estreia: 23/08, no Drive-in Go Dream, no Pacaembu (17h30), e será disponibilizado, também neste domingo, on

demand (VOD) pela Globoplay

FILMOGRAFIA

Toni Venturi

(São Paulo/SP 21/11/1955)

1997 – "O Velho, A História de Luiz Carlos Prestes" (doc)

2001 - "Latitude Zero" (ficção)

2004 - "Cabra Cega" (ficção)

2006 - "Dia de Festa" (doc)

2007 - "Rita Cadillac, a Dama do Povo" (doc)

2011 - "Vocacional, uma Aventura Humana" (doc) 2011 - "Estamos Juntos" (ficção)

2017 - "A Comédia Divina" (ficção)

2020 - "Dentro da minha Pele" (doc)





Novo manual traz teoria inédita para o roteiro e desenvolvimento de personagens

RELACIONADOS

COMPARTILHE











(0) COMENTE

DEIXE UMA RESPOSTA

O seu endereç	o de email hao sera publicado Car	inpos ostrigatorios suo marcados
Nome *		
Email *		
Site		
Comentário		

Você pode usar estas tags e atributos de HTML:

Publicar comentário

☐ Confirme que você NÃO é um spammer









By Melon Media

© 2020 Revista de Cinema. Todos os direitos reservados.



APOIE A CARTA MAIOR

DISPONÍVEL PARA TODOS, FINANCIADA PELOS LEITORES

DOE AGORA → (HTTP://BIT.LY/CMPARCEIROS)

SOU APOIADOR → (HTTPS://WWW.CARTAMAIOR.COM.BR/LIBERAACESSOENTRAR.CFM)

Cinema

Consciência tem cor?

Cineasta branco faz um filme sobre racismo e deixa-se questionar sobre seu lugar: "Dentro da Minha Pele"

Por Carlos Alberto Mattos

23/08/2020 13:37



Créditos da foto: Equipe de "Dentro da Minha Pele" (Reprodução)

Experiência, Pensamento e Arte. Sobre esse tripé Toni Venturi e Val Gomes construíram o documentário *Dentro da Minha Pele*, que propõe uma reflexão ampla e profunda sobre o racismo estrutural brasileiro.

No campo da experiência, temos testemunhos de pessoas que sofrem ou sofreram a discriminação no seu cotidiano. Como o médico Estefânio Neto, que, acostumado com certo status cultural, percebeu que seria necessário "tirar a capa branca" depois de ser ofendido até por pacientes. Ou a empregada doméstica Neide de Souza, sordidamente humilhada por uma patroa. Ou ainda dois universitários cotistas que se sentem deslocados numa faculdade de elite.

Essas vivências são indiretamente comentadas por pensadores como Jessé Souza, Sueli Carneiro, a escritora Cidinha da Silva e o historiador Salloma Salomão, Este último encerra o filme com uma

declaração explosiva, que Toni Venturi discute em cena se deveria ou não incluí-la na montagem final. Incluindo-a, compactuou com seu atrevimento e deixou uma provocação poderosa no ar.



Salloma Salomão

Há também os artistas, que se apresentam em números musicais (Chico César entre eles), poemas e pequenas performances relativas à questão racial. Nesses segmentos mais performáticos, a câmera se demora sobre peles e cabelos, como a sondar a instância física na qual todo o debate se concretiza.

"O que é ser negro no Brasil?", pergunta(-se) o diretor. A resposta passa pelas falácias da miscigenação, pela forma como os direitos universais se transformam em privilégios numa sociedade baseada na escravidão, pela naturalização do preconceito

em tantas práticas sociais dadas como inocentes, pela conformação dos territórios habitacionais nas grandes cidades e pela condição de vítimas preferenciais da violência policial.

"Como um branco faz um filme antirracista?", pergunta-se em seguida Toni Venturi. Neto de imigrantes italianos, pertencente à classe média e à elite cultural paulistana, Toni é um dos mais lúcidos e progressistas cineastas brasileiros. Não lhe escaparia, portanto, a questão do lugar de fala. Ele se incorpora à discussão investigando também o papel da branquitude e abrindo espaço para o questionamento da sua posição de poder na produção do filme.



Chico César

"Apesar da consciência crítica que permeia minha produção, até um tempo atrás a questão racial era

um tema subordinado às desigualdades de classe que marcam o Brasil a ferro e fogo. Na medida em que o país submergia na volatilidade política, sentia que precisava entender melhor as entranhas desta sociedade paradoxal", comenta Toni Venturi a respeito do projeto. Ele se cercou de uma equipe predominantemente negra e de uma codiretora também negra, a socióloga Val Gomes. Ainda assim, foi duramente interpelado pela ativista transgênero Neon Cunha por não ter cedido o espaço para um diretor ou uma diretora afrobrasileira.

Na negociação com a Globoplay, Toni incluiu a implementação de um serviço de cuidado da saúde emocional (apoio psicológico) daqueles que confiaram ao filme a sua história íntima e vai compartilhar a receita bruta advinda do licenciamento com 49 pessoas – personagens, artistas, intelectuais e equipe (44 negros e 5 brancos).

Com qualidade excepcional de captação e montagem, Dentro da Minha Pele reúne um conjunto de

experiências, reflexões e atuações artísticas que realçam como a pauta do racismo é inesgotável. Mas também insere a representação do assunto no cinema como algo a ser disputado. Essa problematização é um trunfo importante do documentário de Toni e Val.

Dentro da Minha Pele está disponível na Globoplay

Clique aqui (https://vimeo.com/449444988) para assistir ao trailer.

Nota: A série Cena Inquieta, de Toni Venturi, sobre grupos de teatro periférico, segue em cartaz às quintas-feiras, às 23h, no site da SESC-TV (https://sesctv.org.br/noar/).

Conteúdo Relacionado

(Rtoridaywydadenaipeppabeincludes, cm_conteudo_id=48552) o fascismo

ருந்தார் இது சித்த சித்த சித்த br/includes, cm_conteudo_id=48549) de Trump

ருந்தி (அல்கு செர்திரு சிரி br/includes, cm_conteudo_id=48522) em Davos

() three www ေခင္းခုကုခုခြင့္အေက .br/includes/ cm_conteudo_id=48515)

(நாத்தி அது cartia அது ior.com.br/includes/cm_conteudo_id=48506) cidades



Carta Maior é o Portal da Esquerda brasileira e referência de informação de qualidade na internet. O que veicula é fruto de uma consciência e visão coletiva de mundo assumida, o que faculta ao leitor formar sua própria opinião.

REDES SOCIAIS



Twitter (http://twitter.com/cartamaior)



Youtube

(https://www.youtube.com/user/tvcartamaior)



(http://www.facebook.com/pages/Carta-Maior/194552750585551)

CADASTRE-SE

Receba nosso boletim



QUEM SOMOS | CONTATO | EXPEDIENTE

"Dentro da minha pele": dirigido por um homem branco, documentário da Globoplay discute racismo

Por Silvia Nascimento - 23 de agosto de 2020

ouça este conteúdo	readme
(b)	



Os estudantes universitários Wellison Freire e Jennifer Andrade - Foto: Divulgação

Pessoas negras com um nível razoável de consciência racial não vão se surpreender com o conteúdo do "Dentro da minha pele", documentário sobre o racismo na sociedade brasileira, que entra na programação da plataforma Globoplay, nesse domingo,23. As narrativas do projeto não são muito diferentes das que a gente já conhece.

"O seu lme é o que eu penso passado pelo seu ltr o", diz brilhantemente o historiador e músico **Salloma Salomão** ao responder uma das perguntas do diretor do documentário, **Toni Venturi**, que durante o documentário dá umas pinceladas nos temas como privilégio, incluindo o dele próprio, branco, bem sucedido e descendente de imigrantes italianos.



O historiador e músico **Salloma Salomão** – Foto: Divulgação

Val Gomes, socióloga de descendência indígena e negra, faz sua estreia no documentário assinando a co-direção do projeto.

O fato de Toni ser branco é questionado também por uma das entrevistadas, a funcionária pública e ativista trans **Neon Cunha** que no documentário tem falas potentes sobre branquitude. "As pessoas não sabem a diferença entre direitos e privilégio (...) Por que não tem uma diretora preta no seu lugar?", provoca Neon.

O lme se divide entr e depoimentos de pessoas da comunidade negra que contam momentos da sua vida onde racismo deus as caras e intelectuais que fazem uma interpretação crítica e intelectualizada sobre como a relação de brancos e negros se dão na sociedade.

Os personagens do documentário são a médico **Estefânio Neto**, a modelo-performer **Rosa Rosa**, os estudantes universitários **Wellison Freire e Jennifer Andrade**, a funcionária pública e ativista trans **Neon Cunh**a, da trabalhadora doméstica **Neide de Sousa**, a corretora de imóveis **Marcia Gazza** e o casal formado pela professora do ensino público **Daniela dos Santos** e pelo garçom **Cleber dos Santos**.

O elenco escolhido para fazer a análise sócio-política-histórica das relações raciais no Brasil trazem um conteúdo precioso para quem está iniciando e não entende a importância das cotas, o que é genocídio negro e branquitude, mas não traz nada de novo para quem está por dentro desses assuntos. Entre nomes escolhidos para trazer o conteúdo mais teórico ao documentário estão a psicóloga Cida Bento, a escritora Cidinha da Silva, a arquiteta Joice Berth, o dramaturgo e pesquisador José Fernando de Azevedo, o historiador e músico Salloma Salomão (já citado) e a lósofa Sueli Carneiro. Para complementar as entrevistas o diretor escolheu três cientistas sociais — o sociólogo Jessé Souza, a psicóloga Lia Vainer Schucman e o tenente-coronel da Polícia Militar Adilson Paes .

Um grande presente do documentário é a arte que entra como um alívio depois de depoimentos tensos, muitos deles gatilhos para uma audiência negra mais sensível.

As cantoras **Bia Ferreira e Doralyce** interpretam a canção "Cota não é Esmola", **Chico César** apresenta uma nova versão de "Respeitem meus cabelos, Brancos", **Luedji Luna** aparece cantando "Iodo", **Thaíde** traz o rap "Algo Vai Mudar", **Valéria Houston** interpreta o samba "Controversa" e **Anicidi Toledo, junto do Batuque de Umbigada**, dançam a umbigada "Luís Gama". Numa favela do Capão Redondo, os jovenss*lamers* **Bione e Barth Viera** trazem sua poesia periférica e necessária.



O cantor Chico César – Foto: Divulgação

Faltou o depoimentos de pessoas negras com narrativas de ascensão econômica para que a audiência entendesse que racismo é sobre cor e não condições sociais. É uma pena que os documentários ainda se prendem nas histórias triste, estatísticas perversas e ignoram a importância de discutir propostas, como reparações, por exemplo.

Agora, se "Dentro da Minha Pele" foi pensado para pessoas brancas, cruas sobre a temática racial, aí ele cumpre bem o seu papel.



Comments

Silvia Nascimento

Silvia Nascimento é jornalista e diretora de conteúdo do site Mundo Negro, curadora digital e produtora de conteúdo especializada em questões étnicas. Pisciana contestadora ela é consciente do seu propósito e exerce sua liberdade por meio da escrita. Ah, ela ainda realizou o primeiro curso dedicado apenas black creators no Youtube. Contato: silvia@mundonegro.inf.br

🏻 in 🎔



HOME

NOTÍCIAS

CRÍTICAS

EM VOD, "DENTRO DA MINHA PELE" DISCUTE RACISMO E LUGAR DE FALA.



Por Celso Sabadin.

Um dos temas mais explosivos, urgentes e polêmicos deste instante (a nova unidade de tempo nesta nossa contemporaneidade maluca é o "instante") no Brasil é o combate ao racismo. Paralelamente, outro assunto surge com a mesma dose de urgência e pirotecnia: o lugar de fala. Como se fala do lugar de fala!

Foi com estas preocupações em pauta que Toni Venturi – cineasta branco – foi a campo conversar com pessoas negras para investigar aspectos do racismo endêmico, pandêmico e estrutural que assola nosso país.

A estrutura de "Dentro da Minha Pele" é composta por histórias de nove negros e negras com diferentes tons de pele que apresentam seu cotidiano na cidade de São Paulo e compartilham situações de racismo, dos velados aos mais explícitos. São eles o médico Estefânio Neto, a modelo-performer Rosa Rosa, os estudantes universitários Wellison Freire e Jennifer Andrade da Faculdade Getúlio Vargas, a funcionária pública e ativista trans Neon Cunha, a trabalhadora doméstica Neide de Sousa, a corretora de imóveis Marcia Gazza, e o casal que espera um bebê: a professora do ensino público Daniela dos Santos com o garçom Cleber dos Santos.

Sem roubar o protagonismo das histórias pessoais, seis pensadores negros fazem reflexões sobre o racismo no Brasil: Cida Bento (psicóloga), Cidinha da Silva (escritora), Joice Berth (arquiteta), José Fernando de Azevedo (dramaturgo e pesquisador), Salloma Salomão (historiador e músico) e Sueli Carneiro (filósofa). Inserções pontuais de três cientistas sociais brancos completam as entrevistas, Jessé Souza (sociólogo), Lia Vainer Schucman (psicóloga) e Adilson Paes (Tenente-coronel da Polícia Militar).

Mais do que expor e narrar histórias relacionadas ao racismo, o longa abre a questão de estar sendo realizado por um homem branco classe média, mesmo que ele tenha chamado uma mulher negra – Val Gomes – para codirigir o projeto. Porque codirigir não é exatamente dirigir, como chama a atenção uma das entrevistadas.

Fala o diretor: "Apesar da consciência crítica que atravessa a minha obra, a questão racial não havia sido tratada como o tema central das desigualdades de classe que marcam o Brasil. A partir de 2015, na medida em que o país submergia na instabilidade política, sentia que precisava entender melhor as entranhas desta sociedade contraditória e paradoxal. Percorrendo as quebradas de São Paulo, vi o quanto a cor da pele é um marcador que determina os destinos sociais. Coloquei-me frente ao espelho. Enxerguei os privilégios de um neto de imigrantes italianos que em 1906 aportaram nesta terra, favorecidos por políticas públicas que buscavam embranquecer uma nação forjada por mulheres e homens negros

Para procurar, digite o texto e aperte enter

Parceiros



Facebook do Planeta Tela



recém libertos da infame escravidão. Como eu, cineasta branco da classe média alta, posso falar sobre o racismo e contribuir para o pensamento antirracista? Convidei a socióloga Val Gomes, índia e negra, para se debruçar sobre as raízes da questão racial e mergulhamos numa experiência fílmica que transformou nossa visão do país e a nós mesmos."

E, claro, fala a codiretora: "Comecei a trabalhar no projeto como pesquisadora e à medida que as minhas opiniões iam produzindo efeitos e reflexões no diretor fui convidada a assumir novas responsabilidade. As contribuições a partir da minha formação intelectual e bagagem histórica, enquanto mulher negra e indígena, foram reconhecidas ao longo do processo até tornar-me codiretora. Codirigir o documentário possibilitou a construção de uma narrativa singular em que está imbricado o olhar negro e branco, ao mesmo tempo, tensionando a relação necessária para a produção de novos olhares."

Vale a coragem, vale a polêmica, vale a abertura de pensamentos e consciências. "Dentro da Minha Pele" é um filme para ser visto e debatido.

A estreia aconteceu em 23 de agosto, pela plataforma GloboPlay.

Quem Somos O que fazemos Páginas Contato Fundada em 1985, o Planeta Tela é Planeta Tela Espaço Cultural Assessoria de Imprensa especializada uma empresa prestadora de serviços no Mercado Cultural, com enfoque no carolinabressane@planetatela.com.br especializada no Mercado Cultural, segmento Audiovisual. Categorias celsosabadin@planetatela.com.br com enfoque no setor Audiovisual. Criação, Desenvolvimento e Produção imprensa@planetatela.com.br de Eventos para o Mercado Cultural, planetatela@planetatela.com.br Leia Mais Crítica como Mostras, Festivais, Cursos, Palestras, etc. Leia Mais

Copyright © 2020 | WordPress Theme by MH Themes

INÍCIO SOBRE BLOG PLAYLISTS CONTATO

Log In

Todos Notícias Crítica Listas Vamos polemizar? Mais v Q

Filipe Pavão há 6 horas 6 min para ler

:

Crítica: denúncia, música e combate ao racismo em Dentro da Minha Pele

São Paulo cinza, trilha sonora densa e desigualdades espaciais ambientam o espectador nos primeiros segundos do documentário "Dentro da Minha Pele". Dirigido por Toni Venturi e co-dirigido pela socióloga Val Gomes, o trabalho denuncia o racismo estrutural a partir de depoimentos de pessoas que já vivenciaram experiências racistas. Também são ouvidos estudiosos e intelectuais sobre o tema, além de ter inserções artísticas de pessoas pretas.

O projeto, que foi disponibilizado na última semana no GloboPlay, escancara e desnuda o racismo estrutural no Brasil, em especial, para quem está começando a estudar e a refletir sobre o tema. É denso e leve, uma característica de Venturi, diretor branco que faz autocríticas ao longo dos quase 90 minutos de filme. Ainda conta com recursos metalinguísticos, grafismos plásticos e materiais jornalísticos de arquivo.



Múltiplas vivências: racismos velados e não velados

O que une todo o documentário é o denominador comum do racismo estrutural vivido por nove pessoas que residem na maior cidade da América Latina, São Paulo. São personagens da vida real que, através das lentes das câmeras, compartilham seus cotidianos e o racismos diário.

Com imagens do dia a dia dos entrevistados e os áudios das entrevistas em off, o espectador consegue se inserir dentro da tela para vivenciar o que eles passam na pele. Claro que quem é preto já se identifica nas primeiras falas, ou melhor, nos primeiros silêncios. Afinal,

no Brasil a população preta é a mais atingida pela <u>violência</u>, <u>desemprego e falta de representatividade</u>.

Chama a atenção a busca por diversidade de perfis. As entrevistas apresentam desde um homem preto gay, o médico nordestino **Estefânio Neto**, que sofre um processo de branqueamento ao ascender socialmente por meio dos estudos, até a modelo-performer **Rosa Rosa**, que busca transformar a realidade de sua família por meio da sua arte.

O colorismo também entre em pauta, ainda que sem usar o nome do conceito. O casal formado pela professora de escola pública **Daniela dos Santos**, que tem pele mais clara, e pelo garçom **Cleber dos Santos**, que é retinto, dialoga sobre a antiga ideia de embranquecer as famílias pretas. Eles estão à espera do primeiro filho e sonham com um futuro mais iqualitário para o menino.

O que estrutura o racismo estrutural no Brasil?

O documentário seleciona de maneira coerente e inteligente intelectuais pretos que devem ser ouvidos por toda a sociedade para se compreender o racismo no Brasil: a filósofa Sueli Carneiro, o dramaturgo e pesquisador José Fernando de Azevedo, a escritora Cidinha da Silva, a psicóloga Cida Bento, a arquiteta Joice Berth e o historiador e músico Salloma Salomão.

São eles que fazem uma análise política, social e histórica da sociedade brasileira desde a escravidão, a tardia abolição até o conceito de reparação histórica, o debate das cotas e o triste - e ainda atual - genocídio dos jovens pretos.

Sueli Carneiro ressalta a resistência dos povos pretos que fez com que a política estatal de colocar homens brancos no poder não se concretizasse 100%. É essa relação da branquitude, poder e privilégios que José Fernando de Azevedo instiga em suas falas.

Já Cidinha da Silva sintetiza a estrutura do racismo no Brasil em três pilares: o mito da democracia racial, a ideologia do branqueamento e a naturalização das práticas discriminatórias por meio de piadas e brincadeiras, sendo a última uma característica peculiar do nosso país.

"Essa estrutura se atualiza a medida de que as pessoas negras saem dos lugares de subalternidade aos quais elas foram destinadas pelo racismo" - Cidinha da Slva

Cida Bento traz a violência como "a parteira da história" ao falar do estupro, da miscigenação e do embranquecimento populacional como

política pública. E essa violência permanece até hoje. Para exemplificar, um dos depoimentos do filme é da corretora de imóveis **Marcia Gazza**.

Em uma família de brancos, quem morreu espancado pela polícia foi o jovem preto adotado. Marcia havia acolhido o pequeno Renatinho com apenas dias de vida, sem saber que a violência policial o assassinaria aos 21 anos de idade. <u>Segundo reportagem do Correio Braziliense</u>, pessoas pretas têm 147% mais chances de serem mortas que pessoas brancas na periferia.

"Ninguém sabe quem é negro, quem é branco no Brasil. Somos tão miscigenados. (...) Se você não sabe quem é negro e quem é branco, pergunta para a polícia. Ela sabe" - Cida Bento.

Também são ouvidos três cientistas sociais ao longo do projeto. A psicóloga **Lia Schucman**, o tenente-coronel da Polícia Militar **Adilson Paes** e o sociólogo **Jessé Souza**. Ele, inclusive, afirma que "a grande farsa do Brasil é negar a escravidão porque nós somos filhos da escravidão".

Quanto a reparação histórica, Lia Schucman lembra das pessoas pretas que são as que construíram o país para que brancos ficassem mais ricos. Ela cita as empregadas domésticas, que são majoritariamente mulheres pretas, como um exemplo. E o documentário nos apresenta a vida de **Neide de Sousa**. Ela relembra feridas profundas de humilhações vividas no passado.

Música e poesia como resistência

A sensibilidade e leveza são trazidas ao filme pela poesia de artistas da música preta brasileira, como Chico César, em uma nova versão de "Respeitem meus cabelos, brancos", Luedji Luna cantando "lodo", e Thaíde com o rap "Algo Vai Mudar". Além deles, o *slam* dos jovens Bione e Barth Vieira mostram a necessidade de ser olhar para os jovens periféricos e potencializar seus talentos barrados pela segregação "invisível".

Talvez o canto mais conhecimento venha de **Bia Ferreira** e **Doralyce**. Parceiras na música e na vida, elas interpretam a canção "Cota não é esmola" em um ateliê de arte e pintura. A música lançada em 2018 fortalece o debate da necessidade das cotas como reparação histórico com o povo preto abandonado pelas políticas públicas desde a abolição da escravidão e da implementação da República no final do século XIX.

A música serve, inclusive, para mostrar como é a educação que transforma vidas e é o único caminho de ascensão social de jovens pretos e periféricos, como dos estudantes universitários **Wellison**

Freire e Jennifer Andrade. Ambos moradores da periferia de São Paulo, filhos da escola pública e que conseguem estudar na Fundação Getúlio Vargas, um lugar majoritariamente branco e rico. Eles destacam o fato desse espaço não ser pensado para jovens como eles e como isso é naturalizado.

Mais uma vez, a pluralidade chama atenção. Os diretores não se esquecem da resistência quilombola, nem da arte trans. **Anicidi Toledo** e o **Batuque de Umbigada** cantam e dançam a umbigada "Luís Gama", em homenagem ao <u>Patrono da Abolição da Escravidão do Brasil</u>.

Já a artista trans **Valeria Houston** interpreta o samba "Controversa", com a irreverência que já é sua marca pessoal. Ela antecede o depoimento da funcionária pública e ativista trans **Neon Cunha**, que apresenta questionamentos desafiadores sobre ser uma mulher preta e transgênero no Brasil.

"O que é ser uma mulher negra e transgênero no Brasil? É uma sentença de morte" - Neon Cunha

Branquitude

Ter um diretor branco comandando um documentário sobre racismo é um ponto a se pensar. Para Neon Cunha, que questiona esse fato, é uma prova de que as pessoas brancas não cedem seus privilégios de estar sempre no centro do poder.

Mas essa crítica não pretende dizer que o trabalho de Venturi é desqualificado por ser um diretor branco. Ele traz uma contribuição positiva ao debate a partir da sua branquitude. Como um homem branco descendente de italianos pode ajudar na luta antirracista? Abrindo mão de seus privilégios. Mas isso é possível?

Venturi, que faz entradas ao longo de todo o documentário, reflete sobre a seus privilégios e fortalece o debate sobre como cedê-los ainda que de maneira superficial. Também delimita a diferença entre direitos, que todas a sociedade tem garantida na Constituição, e os privilégios de uma determinada classe.

Isso fica evidente nas estatísticas. Nos últimos 20 anos, as mortes de jovens negros por arma de fogo cresceram 428% enquanto a de brancos subiu 102%, <u>segundo reportagem da Globo News</u>.

Dentro da Minha Pele

O historiador e músico Salloma Salomão, nos últimos minutos da produção, faz um depoimento muito forte ao ponto do diretor questionar

se poderia inserir no documentário ou não. Em seguida, Salomão diz "o seu filme é sobre o que eu penso passado pelo seu filtro". A fala não será transcrita aqui para manter a potência sonora e visual de ver e ouvi-la, mas é tão boa que deu o nome ao projeto.

"Dentro da Minha Pele" é um documentário que não traz qualquer novidade para quem debate e milita contra o racismo no Brasil, nem para quem sofre violências diariamente, principalmente nas grandes cidades, onde barreiras de vidro existem e se mantêm de pé estruturando e delimitando os espaços de quem reside nas cidade pela cor, pela grana...

"Não existe uma segregação formal, mas existe uma segregação visível quando você transita pelos espaços da cidade" - Joice Berth

Mas é uma produção audiovisual brasileira que vale a pena conferir. E ainda pode servir como um despertador para quem insiste em acreditar, por ignorância, que haja uma democracia racial no Brasil, que é um grande mito como apontou a filósofa Sueli Carneiro. Reflexões disponíveis em grandes plataformas de streaming são sempre bemvindas.

Dentro da Minha Pele (2020) - Trailer

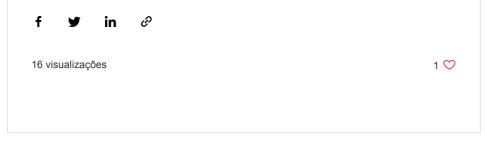
Leia também: Pessoas pretas não falam só de racismo Leia também: 6 mulheres pretas que lutaram contra a escravidão

Quer saber nossas impressões sobre diversas obras das mulheres na cultura? Cinema, música, literatura, teatro e muito mais. Tudo isso, duas vezes por semana, na categoria "Crítica".

racismo | racismo estrutural

globoplay

3 Escreva um comentário



Posts recentes

Ver tudo

Lei Aldir Blanc: estados começam a receber 1º lote do auxílio

Login para deixar um comentário.

1 💙

TELAS POR ELAS

© 2020 by Telas por Elas.



Um soco necessário em nossos estômagos



((i))



Blog do Juca Kfouri

DENTRO DA MINHA
PELE

Se você está convencido de que não basta não ser racista, de que é preciso ser antirracista, veja o documentário dirigido por **Toni Venturi** e **Val Gomes**.

Como é viver dentro da sua pele?

Se você não está, então, é que não pode deixar de ver o documentário "Dentro da Minha Pele".

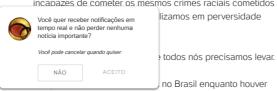
Está no Globoplay.

Nele você verá por que "Somos todos filhos da escravidão, o resto é bobagem", nas palavras do sociólogo **Jesse Souza**.

Ou por que a luta contra as cotas no Brasil foi "Um verdadeiro Pelourinho eletrônico", na opinião da filósofa **Sueli Carneiro**.

Ou ainda por que o fenômeno da miscigenação brasileira precisa ser visto com muito cuidado, "Porque se você não sabe distinguir quem é preto de quem é branco, pergunte à polícia. A polícia sabe", ensina a psicóloga **Cida Bento**.

Finalmente, segundo o historiador e artista **Salloma Salomão**, entenda por que os negros brasileiros têm sido incapazes de cometer os mesmos crimes raciais cometidos



racismo.

Em tempo: veja também, mas no **YouTube**, o Roda Viva com a antropóloga e historiadora **Lilia Moritz Schwarcz.** Passa pelo mesmo tema e é igualmente imperdível.



COMUNICAR ERRO 🔻



AS MAIS LIDAS AGORA

Por que o nível de Inter x Flamengo é uma exceção no futebol brasileiro? Como troca de técnico aumenta pressão política sobre Galiotte

SOBRE O AUTOR

Juca Kfouri é formado em Ciências Sociais pela USP. Diretor das revistas Placar (de 1979 a 1995) e da Playboy (1991 a 1994). Comentarista esportivo do SBT (de 1984 a 1987) e da Rede Globo (de 1988 a 1994). Participou do programa Cartão Verde, da Rede Cultura, entre 1995 e 2000 e apresentou o Bola na Rede, na RedeTV, entre 2000 e 2002. Voltou ao Cartão Verde em 2003, onde ficou até 2005. Apresentou o programa de entrevistas na rede CNT, Juca Kfouri ao vivo, entre 1996 e 1999 e foi colaborador da ESPN-Brasil entre 2005 e 2019. Colunista de futebol de "O Globo" entre 1989 e 1991 e apresentador, de 2000 até 2010, do programa CBN EC, na rede CBN de rádio. Foi colunista da Folha de S.Paulo entre 1995 e 1999, quando foi para o diário Lance!, onde ficou até voltar, em 2005, para a Folha, onde permanece com sua coluna três vezes por semana. Apresenta, também, o programa Entre Vistas, na TVT, desde janeiro de 2018.

Colunas na Folha: https://blogdojuca.uol.com.br/lista-colunas-na-folha/

Blog do Juca Kfouri

Está na hora de botar o Covidão-20 em ordem

Posse de Bola: Inter, Flamengo, Atlético-MG e Flu no G4 e Diniz supera

Você quer receber notificações em tempo real e não perder nenhuma notícia importante?

Você pode cancelar quando quiser

NÃO ACEITO

engo foi empate para europeu

PUBLICIDADE

Brenner e Volpi salvam o São Paulo 25/10/2020 22h53

Empate espetacular no Beira-Rio

25/10/2020 20h09

Flu surpreende até seu torcedor

25/10/2020 17h53

Verdão não agrada e goleia. E quando agradar?

25/10/2020 17h47

Inter e Flamengo fazem clássico à europeia

25/10/2020 12h00

Desempenho dos brasileiros na Covidadores anima menos que resultados

25/10/2020 06b0

Trolagem jornalística

25/10/2020 01h29

Galo chuta muito, chuta mal e cai

24/10/2020 22h54

VER MAIS ✓

colunistas

DENTRO DA MINHA PELE — "GRITO IMPERIOSO DE PRETURA EM MIM!"

Documentário aborda racismo estrutural impregnado nas relações familiares e de trabalho

EDUARDO ESCOREL

24mar2021_09h18

o penúltimo caderno inédito, dos mais de cem que deixou ao falecer, Antonio Candido (1918 – 2017) fez, em 21 de março de 2016, a seguinte anotação manuscrita: "... desde aquele tempo [do Estado Novo] sentíamos a necessidade de procurar um socialismo democrático que atendesse ao 'specificum brasilienses'. Mas não conseguíamos – eu pelo menos não consegui – ver com clareza o que este era, e eu, por exemplo, só muito mais tarde percebi que o problema do negro está no cerne de qualquer política socialmente avançada no nosso país. Seria o caso de completar o verso de Mário de Andrade, no *Improviso do mal da América* ['Grito imperioso de brancura em mim...'], por outro, a ser considerado como fundamental para o brasileiro 'socially minded': 'Grito imperioso de pretura em mim!'. Este seria, não o desabafo meio constrangido de um mulato, mas um reconhecimento expresso por todo brasileiro."

Lembrei das palavras de Antonio Candido ao assistir a *Dentro da minha pele* (2020). Se a questão central está, como ele propõe, "no cerne de

qualquer política socialmente avançada no nosso país", a premissa do documentário de Toni Venturi e Val Gomes fica clara – revelar "o racismo estrutural que está impregnado nas relações familiares, nos ambientes de trabalho e faz parte da subjetividade das pessoas negras e brancas" (conforme texto de apresentação do filme no site da produtora Olhar Imaginário).

Dentro da minha pele é um entre vários filmes brasileiros que, ao serem colhidos pela pandemia no ano passado, não puderam ter o lançamento previsto e chegar à tela grande das salas de exibição que haviam sido fechadas. É verdade que essas produções – os documentários, em especial – estavam, em grande parte, fadadas a passagens breves pelos cinemas, com poucas sessões diárias e público escasso. Nem por isso a decepção foi menor frente à perda de acesso à tradicional janela de difusão que se mantém como a mais prestigiada e recebe maior atenção da mídia. Em alguns casos, a alternativa foi estrear em drive-in e ser disponibilizado em plataformas de *streaming*, conforme aconteceu com *Dentro da minha pele*, em agosto de 2020, após ser exibido para cumprir formalidade legal, durante uma semana, com duas sessões diárias, à tarde, em um cinema de Manaus.

Um conjunto razoável de produções passou por essa mesma agonia e outro grupo está condenado a seguir caminho idêntico este ano, sendo difícil avaliar até que ponto as circunstâncias trágicas que estamos vivendo afetam a carreira tanto de produções direcionadas ao entretenimento quanto as que têm propósito deliberado de debater ideias.

Prejudicado pela pandemia, sem ter responsabilidade por suas consequências, *Dentro da minha pele* sofre também de um mal congênito – excesso de ingredientes reunidos e combinados na feitura do filme que transformam informação em ruído, prejudicando a recepção. Em que pese os bons propósitos e a inegável relevância do tema tratado, o documentário padece, além do mais, da abrangência de seu escopo e de ocasionais redundâncias, como as vistas aéreas de São Paulo e os planos da equipe no estúdio.

As nove pessoas comuns que compõem o expressivo elenco de *Dentro da minha pele*, todas muito bem escolhidas, acabam sendo submergidas por uma grande variedade de participantes – pensadores, músicos, cantoras, instrumentistas e poetas *slammers* – à qual são agregadas ainda legendas didáticas. Essa miscelânea de inúmeras vozes, imagens e situações se sobrepõe aos relatos das diversas experiências de racismo, velado ou manifesto, impedindo o documentário de dar visão mais detida e penetrante de cada um de seus excelentes personagens.

A esses excessos vem se juntar ainda o modismo de tornar um dos diretores – Venturi, no caso – personagem do filme, comentando na primeira pessoa a percepção que ele tem de si mesmo "como branco privilegiado, oriundo de uma família de imigrantes que usufruiu das oportunidades de ter estudado nas boas escolas públicas dos anos 1960".

Ao contrário do que é anunciado no texto de apresentação mencionado acima, a linguagem de *Dentro da minha pele* não é baseada na observação. Pelo contrário, nas gravações, de modo geral, há interação com quem está diante da câmera e se recorre, inclusive, em alguns casos, a pequenas encenações.

De forma geral, *Dentro da minha pele* é apresentado como tendo sido codirigido por Toni Venturi e Val Gomes. Mas nos créditos finais do filme os nomes estão separados, Venturi indicado como diretor e Gomes como codiretora. É uma diferença sutil, mas instaura certa ambiguidade que chama a atenção. Qual o motivo de não estarem juntos com o mesmo crédito de direção?



Outra ambiguidade difícil de entender surge na sequência final. Salloma Salomão, historiador e músico, reaparece após ter sido o primeiro do grupo de pensadores a falar no início do documentário, depois de Chico Cesar cantar e de o médico Estefânio Neto fazer seu relato. Salomão afirma "que é possível conviver... as pessoas de origem diferente, de valores diferentes, de culturas diferentes, podem conviver. Minha experiência mostra isso. Entretanto, a questão do racismo está ligada a um drama humano que é o poder. Então, será possível que os humanos abram mão da busca pelo poder? Eu não sei. Isso eu não posso te dizer. Agora, que as culturas são passíveis de mudar, isso está comprovado. Nós estamos aqui em função de uma mudança cultural, não é?...". Segundos depois, Salomão diz algo desconcertante: "... Os que sofrem não esquecem... Então, é... é danado isso, né? Não por um sentimento de vingança nem nada, por que o ativismo negro no Brasil, na maioria dos casos, nenhuma ação, nenhuma prática foi feita em nome de uma vingança. Então... e talvez fosse até interessante fazer: matar meia dúzia de brancos cruelmente, com um argumento racista, talvez tornasse essa sociedade um pouco mais sensível para a questão do racismo antinegro. Mas nós ainda não nos capitalizamos em termos de perversidade para operar nesse campo." A segunda câmera faz panorâmica rápida e enquadra o surpreso Venturi: "Eu ainda não sei o que dizer a respeito disso. Isso é muito profundo. Não, porque, imagina, eu tenho até dúvidas que... eu acho até que eu não posso usar dentro do filme."

Salomão: "Sim, não, mas isso é o que eu penso. Sim, mas o seu filme é o seu filme. O seu filme é o que eu penso passado pelo seu filtro... às vezes a minha condição é bastante delicada porque eu fui educado com valores de brancos, totalmente, na escola, na Igreja, na vida social... Nós somos vários ao mesmo tempo e, às vezes, apartados de nós mesmos."

E *Dentro da minha pele* termina, deixando no ar a polêmica afirmação. Como entender que o filme passe por cima e chegue ao fim sem lidar com a questão crucial que Salomão levanta, citada aqui parcialmente? Toni Ventura e Val Gomes responderam a algumas das minhas objeções ao filme feitas aqui na conversa que tivemos com ele e ela domingo passado, 21 de março, no programa #DomingoAoVivo do canal de YouTube 3 Em Cena. A gravação está disponível em https://youtu.be/9OCRjtx4PpI.

*

A mostra Na Trilha de Jards Macalé! teve início ontem, 23 de março, com a transmissão do show Cine Macalé. De hoje, 24 de março, até dia 27 serão realizadas Rodas de Conversas, sempre às 20 horas. Os filmes estão disponíveis para visualização até domingo, 28 de março. Mostra, show e Rodas de Conversas acontecem no

https://www.youtube.com/jardsmacaleoficial.

*

Dia 28 de março, domingo, como sempre às 11 horas, Piero Sbragia, Juca Badaró, Vanessa de Oliveira e este colunista conversam com Jamille Fortunato e Lara Beck Belov, diretoras de *O Amor Dentro da Câmera*, no programa #DomingoAoVivo do canal de YouTube 3 Em Cena. O documentário recupera a relação de quase 60 anos do casal Conceição e Orlando Senna, ela falecida em maio de 2020. *O Amor Dentro da Câmera* recebeu o prêmio de Melhor Longa da mostra Competitiva Nacional, atribuído pelo Júri IndieLisboa do XVI Panorama Internacional Coisa de Cinema realizado de 24 de fevereiro a 3 de março. O acesso à conversa com Jamille Fortunato e Lara Beck Belov, no próximo domingo, 28 de março, pode ser feito através do link https://youtu.be/rVhxFc0OvsM.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER

Fique por dentro das melhores histórias da piauí						
Inscreva-se em nossa newsletter e receba reportagens e outros conteúdos imperdíveis semanalmente						
Email *						
EIIIaii						